

José Cavalcante Lacerda Junior



Instituto Federal do Amazonas (IFAM)

jose.cavalcante@ifam.edu.br

“COSTUMO OUVIR BASTANTE QUE ELA NÃO É IMPORTANTE, MAS SEI QUE ELA É SIM IMPORTANTE”: REPRESENTAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA

RESUMO

O cenário político contemporâneo engendra um discurso de deslegitimação da Filosofia. No contexto educacional, será que essa conjuntura é reverberada pelos educandos? O texto objetiva compreender se existe uma assimilação pelos educandos dessa perspectiva. Para tanto, utilizou-se como estratégia metodológica um questionário semi estruturado do qual participaram 133 sujeitos do Ensino Técnico Integrado ao Médio na cidade de Manaus. Os dados foram analisados de forma qualitativa a partir da análise de conteúdo. Os resultados demonstram que existe a identificação de expressões que desqualificam a Filosofia, no entanto não se observou uma assimilação das mesmas pelos educandos. Há, pelo contrário, uma sinalização importante em suas representações de apreço e relevância da Filosofia no cotidiano e em sua formação.

Palavras-chave: Filosofia. Representações. Ensino.

“I USUALLY HEAR A LOT THAT SHE IS NOT IMPORTANT, BUT I KNOW THAT SHE IS IMPORTANT”: REPRESENTATIONS ABOUT PHILOSOPHY

ABSTRACT

The contemporary political scenario engenders a discourse of delegitimization of Philosophy. In the educational context, is this situation reverberated by students? The text aims to understand if there is an assimilation by the students of this perspective. For this, a semi-structured questionnaire was used as a methodological strategy, in which 133 subjects from High School Integrated Technical Education participated in the city of Manaus. Data were analyzed qualitatively from content analysis. The results show that there is an identification of expressions that disqualify Philosophy, however, it was not observed an assimilation of them by the students. On the contrary, there is an important signal in their representations of the appreciation and relevance of Philosophy in their daily lives and in their education.

Keywords: Philosophy. Representations. Teaching.

Submetido em: 19/07/2020

Aceito em: 22/04/2021

Publicado em: 31/08/2021



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2021v13n32p128-143>



1 INTRODUÇÃO

Sem dúvida, os ataques observados em torno das ciências humanas não somente ficaram mais intensos, por parte de certos segmentos políticos no Brasil, como direcionaram seu alvo para a Sociologia e a Filosofia. Questionamentos em torno da produtividade e da utilidade se propagam como dogmas escolásticos no meio social e se alastram no contexto educacional por intermédio de decretos e portarias do Ministério da Educação que desconsideram as diferenças epistemológicas e metodológicas das diversas áreas.

Como um saber essencialmente crítico e tecido no discurso racional, a Filosofia se constituiu no Brasil, a partir de um processo onde avanços e retrocessos estiveram, constantemente, presentes no ensino escolar. Aliado a esse discurso de deslegitimação, seu ensino experimenta uma nova fase de intermitência. Essa perspectiva evidencia-se na transição de disciplina obrigatória no currículo do Ensino Médio, por intermédio da Lei n.º 11.684 (BRASIL, 2008), para um cenário de dúvidas com a Lei n.º 13.415 (BRASIL, 2017), a qual flexibiliza o ensino de Filosofia nesse segmento.

Esse é um processo político no Brasil, mas, sobretudo, responde às adequações do processo produtivo global que visa à dominação e à exploração promovidas pelo sistema capitalista e seus processos de produção (PEREIRA, 2018). Conformadas em constantes crises como as experimentadas nessa primeira parte do século XXI, o novo modo de produção busca padronizar e uniformizar conteúdos, procedimentos e critérios que tornam possível uma mensuração hierárquica, produtiva e eficaz.

Nota-se uma tentativa de esvaziamento de sentido e significado da Filosofia, que busca desconsiderar sua relevância no “processo educacional consistente e de qualidade na formação humanística de jovens que se deseja sejam cidadãos éticos, críticos, sujeitos e protagonistas” (CNE, 2006, s/p.). Com efeito, esse discurso de desqualificação está presente no cotidiano dos educandos? Será que há uma assimilação dessa perspectiva pelos educandos?

Com o intuito de verificar tais indagações, o presente texto pretende compreender se existe uma assimilação dos educandos dessa perspectiva. Para tanto, esse artigo está organizado nos seguintes tópicos: caracterização do estudo; representações da Filosofia; relevância da Filosofia na formação técnica. Destaca-se, por fim, que a investigação apresentada se configura, eminentemente, como uma problematização que enseja a necessidade discutir o ensino da Filosofia.

2 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

O processo ensino-aprendizagem ocorre no espaço de socialização entre o educador e o educando. A dinâmica desse processo é forjada no diálogo. Essa condição possibilita uma mediação baseada no respeito às diferenças, bem como no reconhecimento do estudante como sujeito. Afinal, “quem ensina aprende a ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 38).

Esse contexto leva em consideração o educando como sujeito ativo do processo e possibilita criar práticas metodológicas que possibilitem suas participações, bem como podem evidenciar suas representações. Nessa conjuntura, como estratégia metodológica, o estudo em cena utilizou-se de uma entrevista semiestrutura, a qual permite a imersão de informações e opiniões presentes no cotidiano que colaboram na captação da realidade social inserida (SILVA; FERREIRA, 2012).

Participaram desse estudo 123 educandos do primeiro ano do Ensino Técnico Integrado ao Médio de uma instituição educativa na cidade de Manaus – Amazonas. A faixa etária dos educandos participantes variou entre 14 (18%); 15 (69,2%); 16 (11,3%) e 17 anos (1,5%). A coleta de dados se deu no mês de abril de 2020, por intermédio do *google forms*, o qual permitiu um acesso *on line* do questionário durante o isolamento social da pandemia do Covid-19. Nessa perspectiva, os sujeitos participantes são escutados e reconhecidos nas relações. A ressonância de um grupo social é tanto maior quanto menor for a distância (social) que o indivíduo mantém. Dessa forma, a participação dos educandos não somente lhes concede autonomia, mas torna-se mais efetiva quando reverberam suas produções e significados (BOURDIEU, 1996).

Reconhecer as falas dos educandos aglutina uma compreensão de que os conhecimentos são construídos no cotidiano e como tal revelam uma representação social que, por vezes, pode ficar silenciada (MOSCOVICI, 2005; 2012). O que se expressa e reverbera considera o cotidiano e o entendimento do senso comum a partir de uma racionalidade própria, uma vez que perpassa a constituição de realidades sociais dotadas de sentidos e significados (MOSCOVICI, 2005; 2012).

Por estarem inseridas e dispostas de forma espontânea na diversidade de contextos que forjam o espectro social, as respostas dos educandos revelam elementos basilares da sociedade e de como essa mesma sociedade produz esses conhecimentos. Dessa forma, após uma aproximação com os dados, os resultados foram organizados a

partir da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), a qual possibilitou a estruturação das categorias emergentes nesse texto.

Assim, ao questionar se o discurso de deslegitimação da Filosofia, propagada hodiernamente, está sendo reverberada pelos educandos, a abordagem apresentada coloca em cena o educando como sujeito. Por isso, suas verbalizações nesse texto serão identificadas pela expressão “S.”, pois, revelam uma perspectiva em torno da temática, bem como destaca a reverberação desse processo.

3 REPRESENTAÇÕES DA FILOSOFIA

O ensino de Filosofia, no currículo da Educação Básica no Brasil, configura-se, hoje, essencialmente no Ensino Médio. Essa presença é marcada por polêmicas que envolvem desde as questões didático-pedagógicas até a construção de um escopo comum que dificulta uma caracterização identitária acerca de seu papel nesse segmento de ensino (ALVES, 2002). Apesar das dificuldades, a definição explícita como um componente curricular engendra, a partir de 2008, um espaço específico de construção e consolidação de práticas e reflexões que evidenciam a relevância da Filosofia e sua contribuição na formação educacional básica.

Apesar do caráter indicativo no Ensino Médio, algumas experiências são produzidas no Ensino Fundamental através de textos e atividades interdisciplinares, que reverberam reflexões e proposições filosóficas a partir de temas do cotidiano, questões mais universais (PEDROSO; MALACARNE, 2008) ou de programas voltados para crianças através de material didático específico (LIPMAN; SHARP; OSCANYAN, 1994).

Essas experiências indicam a relevância da Filosofia e seus conteúdos não como uma hipótese ingênua, mas, como uma construção dialógica com as maneiras e formas dos educandos se relacionarem com o mundo e com o conhecimento. A partir da produção de sentidos e das relações experimentadas em suas próprias realidades, de forma autônoma, a experiência filosófica pode possibilitar a construção de conceitos do contexto vivido (DELEUZE; GUATARRI, 1992).

Dessa maneira, mesmo quando a Filosofia não ocupa o terreno da disciplinarização curricular, a mesma torna-se relevante, à medida que possibilita o exercício da curiosidade, da imaginação e da racionalidade. Dessa forma, questionou-se aos educandos, se antes de iniciar no Ensino Médio teriam estudado Filosofia? Verificou-

se que 20,3% teve algum contato com a Filosofia no ensino Fundamental e a maioria, 79,7%, sinalizou negativamente.

As respostas evidenciam que apesar das proposições positivas, ainda, é tímido o contato dos educandos do Ensino Fundamental com a experiência filosófica. A não obrigatoriedade, a constituição de métodos diversos, bem como maior fomento na profusão de revistas e livros voltados para a área são elementos que podem facilitar uma maior relação do educando com a Filosofia.

Destaca-se, por seu turno, que “não basta desejar ensinar para existir um ensino, da mesma forma que, não é suficiente somente o desejo de aprender para a aprendizagem” (MURANAKA, 2009, p. 5146). Para haver um estímulo e maior interface da Filosofia no Ensino Fundamental é importante reconhecer do que se trata e do que pretende a Filosofia. Pode-se dizer que tal compreensão é extensiva ao nível subsequente.

No Ensino Médio, a Filosofia impõe inúmeras interfaces. Duas questões estão em suas urgências: “pensar novos tipos de recursos didáticos e repensar a formação dos professores” (OLIVEIRA, 2018, p. 55). Com efeito, para além dessas considerações, os educandos, ao vivenciarem a Filosofia no Ensino Médio, destacam em suas respostas a existência de uma ressonância dos discursos que desqualificam a Filosofia, conforme se verifica.

Uma discussão que vi era se o estudante de Filosofia era maconheiro ou não. E se Filosofia era mesmo importante (S.8).

Escuto muito que ela é desnecessária nas escolas, uma disciplina sem lógica, chata [...] (S.12).

Uns dizem que é inútil [...] (S.16).

Escuto que a Filosofia é assunto de alienados e que não acrescenta em nada em nossa vida (S. 17).

Já li em redes sociais que Filosofia só serve para formar outros professores de Filosofia, não criando profissionais úteis para a sociedade. Porém não concordo com isso (S. 42).

Observa-se, no entanto, que essas respostas não se expressam em seus entendimentos. Quando eles são indagados sobre o que eles pensam sobre a Filosofia, a tendência é distinta do que percebem: “costumo ouvir bastante que ela não é importante, mas sei que ela é sim importante” (S.61). Nesse aspecto, constataram-se três categorias que representam o entendimento dos educandos: a) a Filosofia é uma forma de pensar; b)

a Filosofia como um conhecimento sobre a existência e a sociedade; c) a Filosofia como um comportamento.

3.1 A Filosofia é uma forma de pensar

A primeira representação evidencia a Filosofia vinculada a uma identificação com o ato de pensar, de teorizar e de refletir acerca de algo. Esse processo se delinea a partir da lógica que o próprio ato se propõe. Não basta somente pensar; é preciso pensar de forma racional, conforme se observa em suas respostas.

Área de conhecimento que te faz você pensar em soluções de algum problema ou então duvidar de algo usando a lógica (S.10).

Um tipo de pensamento organizado, conceitual e reflexivo (S.13).

Uma forma de pensar, analisando vários pontos de vistas e explicações (S.16).

Acho bastante interessante, pois ela pode abordar assuntos diferentes de várias formas, com vários pensamentos, fazendo com que as pessoas tenham pensamentos melhores (S.19).

Que a filosofia é um tipo de saber, um conhecimento, e que esse conhecimento pode ter variações e diferenças entre eles, e pode ser interpretado de maneiras diferentes (S.118).

Historicamente, essa perspectiva parece estar vinculada à ideia de que a Filosofia seria a guardiã da racionalidade ocidental em detrimento das sombras e credences vinculadas ao discurso mítico, como se houve uma descontinuidade radical. Esse aspecto, em muito, hoje, ganha outras leituras e entendimentos que demonstram haver uma atração e repulsão entre ambas (PERINE, 2002).

Pode-se indicar, ainda, que essa representação está alinhada à representação da Filosofia como “possibilidade de desenvolver no homem sua estrutura cognitiva e intelectual” (HORN, 2000, p. 30). Nota-se que essa representação segue herdeira da tradição humanista no Brasil, onde se busca inspiração nos ideais da Filosofia para a construção de uma consciência crítica e dos ideários vinculados à cidadania. Em outras palavras, a superação da alienação e das ingenuidades do cotidiano está atrelada a uma capacidade de pensar, aspecto visto como parte da essencialidade da Filosofia.

Ao passo que muitos educandos indicam a Filosofia como forma de pensar, emergem repostas que expandem essa compreensão, a partir de uma perspectiva crítica e autônoma. Essa sinalização é pautada, ainda, a uma proposta que vislumbre a reflexão

de temáticas distintas e diversas que podem emergir no bojo da realidade, ultrapassando uma atenção específica a determinado objeto do conhecimento. Dizem alguns deles.

A Filosofia é muito importante para nos estimular a reflexão e o pensamento crítico (S. 100).

A Filosofia é uma maneira autônoma de se pensar sobre diversos assuntos (S. 101).

Essa indicação da Filosofia em uma forma de pensar pode indicar, em seu ensino, a possibilidade do aprendizado como um campo de experiência, pois, mobiliza, dinamiza e expressa significados do fenômeno sentido. A experiência educativa não se reduz a uma mecânica de acerto e erro, mas se estabelece no ato experiencial.

Trata-se de deslocar o foco do ensino como treinamento para uma educação como experiência, em que cada estudante seja convidado a colocar seus problemas, adentrar no campo problemático e experimentar os conceitos, experimentar o pensamento por conceitos, seja manejando e deslocando conceitos criados por filósofos ao longo da história do pensamento, seja *criando* seus próprios conceitos. (GALLO, 2008, p. 75).

Recorda-se que essa perspectiva não é exclusiva ao campo da Filosofia, uma vez que as demais áreas, como a ciência, por exemplo, também produzem e têm sua forma de criação conceitual. A singularidade da Filosofia, no entanto, enquanto pensamento conceitual acentua o ineditismo que cada conceito carrega em si, uma vez que são construções sociais marcadas por uma historicidade e contextualização.

Assim, os educandos ao vincularem a Filosofia expressam em seu entendimento uma abertura no exercício do ensino de Filosofia que indica a experiência e a elaboração conceitual como elementos fundamentais de suas representações. Ao indicar essa representação, os educandos reverberam que esse entendido de alguma forma emerge em sua tessitura social estando presente, dessa maneira, no bojo de suas vivências educacionais.

3.2 A Filosofia como um conhecimento sobre a existência e a sociedade

Se na primeira representação os educandos sinalizam a Filosofia como forma de pensar, a segunda sinaliza um deslocamento da forma para o conhecimento sobre, nesse caso de forma específica, a existência e a sociedade. Como palco de tudo que acontece, a existência e todas as suas condições, como a sociedade, instiga e interpela as perguntas fundamentais em torno do ser humano, do universo e da vida. Nesse sentido,

os educandos expressam a Filosofia para um conhecimento sobre a existência da seguinte forma.

Ela é essencial para a compreensão da origem de tudo que existe em nossa volta. Ela nos ajuda na descoberta histórica e misteriosa sobre nossa existência, nos traz um saber humano, uma forma de refletir a partir de argumentos. Traz ao homem uma visão mais humanística sobre o universo e tudo que habita nele (S.12).

Ela nos ajuda a desvendar os mistérios e histórias da nossa existência (S.17).

Ela nos ajuda a desvendar os mistérios e história da nossa existência e compreender o porquê e a razão fundamental para tudo que existe (S.36).

O Filosofia nos faz refletir questões gerais e fundamentais como a nossa existência, valores, razão e etc (S.50).

A Filosofia é extremamente necessária para despertar o sentimento de busca pela compreensão da vida e do verdadeiro sentido do “eu” e suas relações com o mundo e os fatos que ocorrem no mesmo (S.71).

Essa maneira de representar a Filosofia traz como enfoque a busca por sentido em torno da existência, vista como um mistério. Há, nessa perspectiva, a inclusão concreta da vida que especula uma razão palpável para se justificar. Essa representação traz à baila a potencialidade em torno de a Filosofia colaborar na problematização das causas e princípios que validam o viver do ser humano. Afinal de contas, como ser inacabado e rodeado por suas circunstâncias (ORTEGA Y GASSET, 1966) são fundamentais as questões sobre a existência.

Sinaliza-se, que tal representação evoca uma urgência contemporânea, principalmente aos jovens, sobre o sentido da vida. A atividade filosófica permite uma compreensão da existência como projeto, isto é, como algo para frente, que tende para uma atuação e uma realização, conferindo um sentido. Essa compreensão existencial é, também, uma possibilidade de compreender a sociedade.

As indicações dos educandos abrem um horizonte para compreender a Filosofia, a partir da autonomia e superação, principalmente, de soluções e respostas prontas e acabadas. A Filosofia se apresenta como uma disciplina que pode problematizar e apostar na dúvida, no erro, na experiência, na imaginação e não somente no encapsulamento do certo que rejeita o ignorado, o ainda-não pensado (GALLO, 2012). Essa perspectiva assenta e expande o entendimento da Filosofia como uma compreensão da sociedade.

A Filosofia é importante para compreender a sociedade, a vida e o contexto em que estão envolvidos. Para criar a consciência crítica, fazendo questionarmos os acontecimentos ao nosso redor (S.45).

Filosofia é perguntar, fazer questionamentos sobre assuntos feitos coletivamente por um determinado grupo de seres humanos [...] (S.108).

A filosofia não é só uma matéria, mas sim uma forma de olhar a sociedade de uma forma diferente, um olhar mais crítico (S.126).

Observa-se que há um espraiamento da Filosofia do âmbito do pensar para um exercício de entendimento social, isto é, as relações e o próprio contexto devem estar assentados e perpassar o questionamento, a indagação e a criticidade. Há aqui uma concepção que transborda o campo reflexivo e alcança uma necessidade mais coletiva. Se a representação da Filosofia como forma de pensar indica uma observação pertinente sobre a reflexão, aqui, observa-se uma atenção para o desvelo dos questionamentos do sujeito diante da realidade.

Para tanto, torna-se imprescindível compreender que o conhecimento, nesse caso vivenciado pelos educandos, necessita ser confrontado e problematizado no contexto social em que vivem, para reverberar as diferenças, as quais podem construir convicções autônomas sobre a realidade.

[...] é o movimento pelo qual nos libertamos – com esforços, hesitações, sonhos e ilusões – daquilo que passa por verdadeiro, a fim de buscar outras regras do jogo. A filosofia é o deslocamento e a transformação das molduras de pensamento, a modificação dos valores estabelecidos, e todo o trabalho que se faz para pensar diferentemente, para fazer diversamente, para tornar-se outro do que se é (FOUCAULT, 2008 p.305).

Ao problematizar a realidade, problematiza-se a sociedade, possibilitando a compreensão de que suas estruturas se pautam pelas mudanças. A lógica contemporânea que busca se assentar na certeza, como medida do resultado educativo em nossa sociedade, precisa ser questionada pelas incertezas que a Filosofia nos provoca, nos indicando a necessidade de estar abertos para o constante movimento da mudança.

Assim, ao compreender que “a Filosofia é essencial para a sociedade, pois busca tratar sobre a existência da vida” (S.124). Essa segunda representação interpõe a necessidade do questionar-se, do abrir-se, do colocar-se em movimento que, em processo, engendra e constrói o entendimento de si e do mundo.

3.3 A Filosofia como um comportamento

Ao colocar a compreensão existencial e social como uma representação, os educandos indicam uma vinculação da Filosofia com a experiência de viver. Essa compreensão perpassa as circunstâncias, que estão aquém e além dos mistérios, que se velam e desvelam. Estabelece-se um horizonte, que favoreça um projeto de vida, o qual permita orientar e indicar um modo de existir.

Nesse sentido, as respostas dos educandos apresentam a terceira representação da Filosofia como ordenamento moral. Identificá-la como pensamento e compreensão traz também uma percepção que indica a maneira de como se pode conviver. Se em um aspecto há uma saliência da dimensão mais reflexiva e na outra há uma problematização sobre o contexto, essa representação está atrelada a uma finalidade do agir, isto é, como proceder diante de si e do mundo.

A filosofia é mais do que apenas pensar sobre ações, mas também tentar entender o porquê dessas ações (S.41).

Ela nos permite conhecer o homem e a mulher e seus comportamentos em diferentes situações, com ela podemos analisar o antes e até e em algumas situações prevê o depois (S.98).

A filosofia ensina como o ser humano pode agir sobre as questões que ele encontra na vida (S. 63).

Essa representação coloca um agir correto como fundamento da Filosofia. A atividade filosófica está imbuída de uma postura comportamental que não somente questiona o pensamento, a realidade, mas, fundamentalmente, os valores, as regras, as escolhas e o caráter do ser humano.

Constata-se que essa conjuntura se vincula a uma dimensão de vislumbrar o estar do sujeito no mundo. Na tradição aristotélica, por exemplo, o mundo possui uma finalidade atrelada á plenitude humana que é a felicidade. Para tanto, as ações humanas precisam ser virtuosas para dirigir as escolhas, a partir de um equilíbrio entre as paixões e a razão. A virtude seria uma ação constituída num justo meio relativo a cada ser humano (ARISTÓTELES, 1973).

Outra tradição que pode estar associada a essa representação é a que tem origens em Cícero, filósofo romano, o qual considera que toda ação humana atinge a virtude suprema, na medida em que suas ações estiverem voltadas para o bem. Para ele, a Filosofia possibilita ao ser humano não cair nem no erro e nem nas enganações que

provêm de um corpo que está sujeito aos sofrimentos. A Filosofia enquanto projeto de vida se caracteriza por orientar o ser humano rumo à verdade. (CÍCERO, 2005). A Filosofia como indicador de um agir no mundo é, também, um estilo de vida.

Eu sempre interpretei como estilos de vida, os conhecimentos que as pessoas adquirem na vida e passam pra outras pessoas para que possa seguir de forma igual ou ter uma parte do conceito em sua vida (S. 52).

Essa expressão reverbera a Filosofia como estilo de vida caracterizada como um conjunto de conhecimento que demonstra um jeito de ser. As representações indicadas pelos educandos se relacionam em um escopo que considera a Filosofia associada à vastidão do campo conceitual, as suas problematizações acerca da existência e sobre o agir de cada um. Em síntese, à medida que se conhece, o sujeito se transforma e esse processo se converte em forma de constituir sua existência.

Enfim, conforme se observa, nota-se a presença dos discursos sociais que vinculam a Filosofia a uma condição subalterna ou até estereotipada e emoldurada em visões distorcidas e pouco vinculadas com a realidade. No entanto, nas respostas dos educandos não se observa uma assimilação ou mesmo uma reverberação desses discursos, que possam reforçar essa deslegitimação propagada. Há, pelo contrário, uma sinalização relevante em torno da Filosofia, que demonstra um apreço e entendimento de que com ele é possível a construção de pensamento próprio, de uma análise da sociedade e de uma indagação sobre o agir individual no mundo.

4 A RELEVÂNCIA DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO TÉCNICA

O discurso de desqualificação em torno da Filosofia não está presente na representação dos educandos; pelo contrário, vislumbra-se o reconhecimento do potencial criativo e crítico da Filosofia em relação ao seu processo educativo. Dessa maneira, é possível indicar que os participantes, inseridos em uma formação técnica, compreendem a importância da Filosofia em sua formação.

Dos respondentes, apenas 0,7% não indicou a importância da Filosofia e 28,6% sinalizou que talvez. A maioria, 70,7%, no entanto, demarcou a Filosofia como aspecto relevante em sua formação. Essa indicação configura-se como salutar à medida que não se encontra nesse contexto, um embate ou divergência entre a perspectiva técnica e a abordagem filosófica. Para muitos, os avanços no campo tecnológico e a eficácia da técnica constituem-se no detrimento dos aspectos mais humanistas. Essa compreensão

construiu, historicamente no Brasil, posições pedagógicas que as consideram como dimensões antagônicas.

No entanto, mais do que nunca, a conjuntura hodierna demanda um entendimento que supere essa perspectiva. A técnica, em si, não exclui a reflexão filosófica. A formação técnica, em si, não desumaniza o ser humano. O inverso, também por si, é verdadeiro, ou seja, a formação filosófica não é garantia de uma construção técnica humanizada. É na interação de tais aspectos que se pode atentar aos desafios de uma formação que considere a complexidade do nosso tempo, uma vez que:

[...] a presença da filosofia nos currículos das escolas técnicas, é um projeto em curso e que demanda vigilância e ação. Vigilância para garantir espaços políticos e pedagógicos da disciplina. Ação proativa no interior das instituições de ensino profissional, nas pesquisas acadêmicas e na atuação profissional dos educadores, visando não só a memória da importância do filosofar na tarefa de contribuir para uma formação profissional mais autônoma e crítica, mas também como instrumento de luta por poder emancipador e solidário, que ajude a combater as propostas conservadoras da sociedade atual liberal (JUK, 2019, p.311)

A articulação da Filosofia com o ensino técnico não se reduz a uma abordagem enciclopedista, detentora de categorias idealizadas, mas de uma construção sociopolítica atravessada por interesses e relações de poder. A presença da Filosofia na formação técnica deve ser revestida de uma compreensão distante do instrumentalismo e do pragmatismo e mais próxima de um modo de ser no mundo, voltada às urgências do contexto e do modo de ser dos indivíduos.

Nesse sentido, a Filosofia é tida como uma área de conhecimento (81,2%), a qual deve interagir e se articular na complexa teia dos conhecimentos, incluindo aí o diálogo com as demais áreas e abordagens bem como as urgências e rumos que o contexto contemporâneo espraia. Dessa forma, para a maioria, a Filosofia não deve se constituir simples informação (1,5%) nem ser reduzida a uma disciplina do curso (1,5%) e, por fim, muito menos confundida com a ciência (15,8%). A Filosofia possui suas distinções à medida que interage como área do conhecimento.

Essa conjuntura coloca em pauta a necessidade de refletir o processo de ensino de Filosofia na formação técnica. Ao indicarem a possibilidade de conexão da Filosofia com outras áreas do conhecimento, promove-se um entendimento de que a estrutura curricular deva ficar mais atenta às urgências de nossa época, como a profusão e a velocidade de dados informacionais, a automatização e desmaterialização dos meios de produção, as questões ambientais, os movimentos negacionistas.

É nesse segmento que, ao apontarem os assuntos de maior preocupação em sua jornada estudantil e que poderiam ser melhor refletidos na interface da Filosofia, em seu curso técnico, os estudantes apontaram uma variedade de campos, como a diversidade de outros tipos de conhecimentos (23,3%); as nuances da política (20,3%); as discussões sobre moral/ética (17,3%); o uso das tecnologias (13,5%); a preocupação com o meio ambiente (12,8%); a relação com a religião (6,8%); os desafios da juventude (5,3%) e a relevância da arte (0,7%).

Essas temáticas sinalizam uma importante base para pautar as possibilidades de problematização da Filosofia. Uma dificuldade verificada nesse aspecto é que o ensino de Filosofia, por vezes, está assentado na transmissão de conteúdo de um corpo de conhecimento embasado em sua história. “A Filosofia deve contribuir eminentemente para o desenvolvimento do espírito problematizador. A Filosofia é, acima de tudo, uma força de interrogação e de reflexão, dirigida para os grandes problemas do conhecimento e da condição humana [...]” (MORIN, 2002, p. 23).

É comum observar uma concepção prévia e uma preocupação restrita ao ensino propriamente dito, em detrimento de sua finalidade: a aprendizagem (GALLO, 2012). A relevância, aqui, consiste em repassar o conteúdo entendido como fundamental para a possibilidade de os educandos problematizarem e exercitarem o campo das discussões e construções de ideias e conceitos. Daí o ensino como problematização, o qual transcende o simples repasse conceitual e idealizado para uma constituição no problematizar, que impõe relação, movimento, diálogos em uma prática crítica e reflexiva acerca da realidade.

Essa dimensão é fundamental para pensar o processo ensino-aprendizagem em Filosofia enquanto espaço de socialização entre professor e estudante. A Filosofia precisa ser, antes de tudo, tecida nessa interação. Não é possível apenas o repasse da informação, assim como não é possível apenas a presença em sala. A formação autônoma e crítica se constrói na confluência dos encontros. Essa condição, por fim, compreende a experimentação da Filosofia como área que não é detentor de respostas, mas de indagações acerca da realidade e exige, principalmente, um olhar de alteridade diante do outro, aquele que é diferente. Isso é uma construção. Não é algo dado e definido. A relação dialógica é construção e, como tal, entremeia e configura nossos encontros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso apresentado sinaliza a urgência de pensar e discutir a presença da Filosofia no ensino. Suas condições, suas dificuldades, suas potencialidades, enfim, suas representações. O itinerário apresentado ao longo do texto destaca que, apesar das adversidades pautadas à Filosofia, a representação social dos educandos sinaliza um apreço e um reconhecimento da relevância da Filosofia tanto em suas concepções quanto em sua formação educativa, principalmente sua interface junto ao ensino técnico.

Dessa maneira, reconhecer essa perspectiva induz a um esforço que ainda precisa ser consolidado: difundir a Filosofia entre os jovens. Apesar de observar uma crescente profusão de conteúdos e discussões envolvendo a Filosofia nas redes sociais, que promovem uma espécie de divulgação filosófica, muito de suas considerações e contribuições permanece indiferente às vozes daqueles que estão situados nos espaços ditos formais, como a escola e academia.

Distanciando-se de julgamentos, que possam envolver o certo e o errado; é notória a necessidade de interagir e dialogar com esses meios e fazer ressoar a Filosofia como movimento presente no cotidiano e não como algo alocado a um território específico. É necessário recordar, à luz do contexto histórico, que a Filosofia emergente na Grécia Clássica ocorre a partir de movimentos de fora da centralidade da *ágora*, local das discussões da *pólis* por excelência. Ela surge da observação e da intuição direta da realidade e só depois passa a ser discutida e contemplada em espaços definidos para tal – academia, liceu. E ainda, quando ocorre a expansão alexandrina, a Filosofia fica inserida em escolas, o filósofo, como mais um cidadão, demonstra dificuldade em se estabelecer na nova ordem cosmopolita.

A Filosofia precisa estar junto aos jovens, fazer-se presente nos instrumentos que demandam as discussões e colocar-se em movimento de encontro com as demandas sociais, por vezes, tidas como marginais. O ensino da Filosofia, no espaço formal, por si só não é suficiente para a adesão e problematização da realidade. Entre os educandos do Ensino Médio, inseridos em um turbilhão de atrações advindos das novas tecnologias, como as redes sociais. É preciso estar junto e construir juntos as discussões que eclodem no cotidiano.

Para tanto, é preciso reconhecer o que se apresenta como representação da mesma como ponto de partida para esse movimento. Escutar o que é sinalizado, ponderar as inquietações, exercitar o diálogo põe em dinâmica a Filosofia como algo

presente, junto, ancorado às situações experimentadas pelos jovens. É nesse horizonte que se torna imperativo alargar a sua presença na tessitura social para que a mesma reverbere suas potencialidades.

REFERÊNCIAS

ALVES, Dalton José. **A filosofia no ensino médio: ambiguidades e contradições na LDB**. Campinas – SP: Autores Associados, 2002.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: SP: Papirus Editora, 1996.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - CNE. **Resolução n. 38**, de 07 de julho de 2006. Inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 14 de agosto de 2006.

BRASIL. **Lei n.º 11.684**, de 2 de julho de 2008. Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do Ensino Médio. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm#:~:text=36%20da%20Lei%20no,nos%20curr%C3%ADculos%20do%20ensino%20m%C3%A9dio.>. Acesso em: 17 de junho de 2020.

BRASIL. **Lei n.º 11.892**, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm>. Acesso em: 17 de junho de 2020.

BRASIL. **Lei Nº 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.html>. Acesso em: 22 de fevereiro 2020.

CARVALHO, João Eduardo Coin de. As Representações Sociais e o Conhecimento do Cotidiano: uma crítica metodológica a partir da Filosofia da Linguagem. **Revista Neurociências**, São Paulo, v. 13, n.3, jul. - set., p. 146-151, 2005.

PEDROSO, Ana Maria Miranda e MALACARNE, Vilmar. Filosofia para Crianças – **Educação para o Pensar: Um Olhar Pedagógico**. Cascavel, p. 1-11, novembro, 2008.

CÍCERO, Marco Túlio. **A Virtude e a Felicidade**. Tradução de Carlos Ancêde Nougé. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Felix. **O que é Filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: 1992.

FOUCAULT, Michel. **O Filósofo Mascarado**. In: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Ditos e Escritos. MOTA, Manoel Barros de (org.). Trad. Elisa Monteiro. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, Sílvio. Filosofia e o exercício do pensamento conceitual na educação básica. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 22, n. 44, p. 55-78, jul.- dez., 2008.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

HORN, Geraldo Balduino. A presença da Filosofia no currículo do Ensino Médio brasileiro: uma perspectiva histórica. In: GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar. **Filosofia no Ensino Médio**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUK, Joelson. **Condições e contradições do ensino da filosofia no Brasil: da instrução jesuíta ao ensino técnico no IFPR**. 370 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2019.

LIPMAN, Matthew; SHARP, Ann Margaret; OSCANYAN, Frederick S. **A Filosofia na Sala de Aula**. Trad. Ana Luiza Fernandes Falcone. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

MURANAKA, Fabiana. **Filosofia e seu espaço no ensino fundamental**. IX Encontro Nacional de Educação – EDUCERE/III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 22 a 29 de outubro de 2009. PUC-Paraná.

OLIVEIRA, Wagner Teles de. Filosofia no Ensino Médio: materiais e métodos. **Kínesis**, Vol. X, nº 24 (Edição Especial), p. 55-72, dezembro, 2018.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditaciones del Quijote**. In.: Obras completas de José Ortega y Gasset. 7. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1966.

PEREIRA, Leonardo da Hora. Uma abordagem filosófica do capitalismo é possível? Limites e possibilidades de renovação da Filosofia Social contemporânea. **Kriterion**, Belo Horizonte, nº 141, p. 789-808, dezembro, 2018.

PERINE, Marcelo. Mito e Filosofia. **Philosophos**, 7 (2), p. 35-56, 2002.

SILVA, Rafael Celestino; FERREIRA, Márcia de Assunção. Construindo o roteiro de entrevista na pesquisa em representações sociais: como, por que, para que. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, vol.16, n.3, setembro, 2012.